

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## O conde de X e a assinatura do “Correio da Noite”

A que está sujeito quem pensa — As cabeças  
e as sentenças — Um anonimo que se deve  
conservar — Como se apanham certos conser-  
vadores — A sua semelhança com os jacobinos

Como o *Correio da Noite* tivesse atacado a forma porque — segundo apurou — foram mortos os individuos da *Legião Vermelha* nos Olivaes, um titular, anonimado no jornal sob a designação de conde X..., devolveu o periodico com algumas expressões condenatorias do processo seguido pela gazeta monarchica. O director do *Correio da Noite* respondeu biografando-se, tratando de seus serviços à Causa — que são bastos — de sua ação e dos seus trabalhos, penas e fadigas.

Eu teria respondido biografando o conde. Desde já declaro desconhecer a pessoa em questão e já agora não inquirirei para no caso de ser algum dos meus amigos, recêber a resposta que ao *Correio da Noite* escapou, naturalmente pela generosidade de José Duarte Costa, o qual sendo do povo, como eu, tem feito mais pelo advento da monarchia do que diversos aristocratas empoleirados nos seus preconceitos e alguns repim-pados nas cadeiras diretivas de Companhias no belo convivio dos republicanos. Dum conde, sei eu, que até é socio benemerito dum centro escolar republicano, ali de Santos; e se remexer bem noutros de braços tão vistosos — é o termo, porque chancela-los de nobres equivale a desmerecer ante a memoria de seus avós — se os trazer à feira nalguma torpelia de Roberto a demonstração de seus negocios com os jacobinos virá no remate de suas corôas aninhadas na conca do frigio.

Eu teria, pois, biografado o conde e o seu nome, com todas as letras, pertences, dons e virtudes, viria à publicidade com os conselhos e com as razões logicas condimentos que dedicados a molhos fidalgos são como as ervas de cheiro nos molhos culinarios.

Queria o conde, de estirpe velha ou de carimbo moderno, o aplauso do periodico monarchico à morte dos legionarios? Desejaria a sua calada como se a tampa dum sepulcro caisse de chofre sobre o acontecimento terrivel? Eu — por exemplo — não teria duvidas em comentar o facto obrigando até o partido a ajudar-me, embora irritasse todos os condes, se possuísse um jornal, o lugar onde essa campanha seria frutifera, nanja no semanario cuja prosa se olvida, perde a intensidade no intervalo de seu aparecimento. Isso, porem, não impede, que, mesmo com a maldição condal, continue a pensar do modo mais digno emquanto o titular procede como um malevolo individuo.

Dizia-se que os legionarios tinham sido mortos, friamente, numa chã, fuzilados sem processo na orla dum caminho. Desconheço o facto.

O *Correio da Noite* apontava testemunhas; condenava os filiados da associação secreta, mas tambem o procedimento ilegalissimo da autoridade chacinando, ao fundo duma asinhaga, os individuos que lhe caiam nas mãos sob a suspeita de esculcarem um moageiro tirado à sorte para ser abatido.

É horrivel, não ha duvida. Eu respeito a vida até mesmo a das plantas e se posso desviar-me num atalho para não pisar um carreiro de formigas, faço-o num instintivo movimento. Por isso mesmo para condenar quem vai assassinar eu não careço de saber se veste uma blusa ou uma farda. O conde X não é da mesma opinião. Entende que quando os fusilantes são militares, autoridades, gente de ordem e de espingarda legal o fusilado caiu bem, justamente. Dando-se o contrario, o conde X entende que não ha castigo suficiente, se não a peor morte, para o fusilador. Claro que é um criterio e eu deixal-o-ia, em paz, se ele não quizesse prevalecer, estender-se, alastrar-se, impôr-se. O conde X é, decerto, um homem rico e como no *Correio da Noite*, escrito e amanhado à custa de sacrificios de pobres, não se pensa, como ele, no momento, retira a sua assinatura, deixa de pagar, raivosamente.

Mas querê vêr o titular como não se pôde ser de sua opinião, como não se pôde aceitar o fusilamento sem lei, ao acaso, tornando-o dependente da vontade do vencedor?

Suponha-se que uma conspiração realista, feita com toda a fé, com toda a coragem e perseverança começava a perturbar a vida da republica — como já tem sucedido — e que apanhados, com armas na mão, no canto duma estrada, alguns dos conhecidos monarchicos de ação se defendiam da policia que pretendia prende-los, suspeitando de suas intenções e tendo na mão as suas fotografias—de reincidentes nos protes-

tos, nas conjuras, nos ataques? Que diria o conde X se os abatessem? Não sei nem quero saber quem é o indignado conde. Ignoro se vem dos cruzados, se tem o carimbo dos patacos de D. João VI, ou se nasceu duma das generosidades reais dos ultimos tempos. Sei que um conde como deve ser, tem obrigações e no dia de nosso conhecimento do contrario, teremos de confundir os titulos heraldicos com os titulos ao portador. Ora as obrigações a que me reporto são ao menos duas: desejar o regresso do rei e proteger, por todos os meios, os que o apressam. Logo, do fundo de sua alma, titulada, uma onda de aristocratica cofera deveria brotar ao vêr os que lutavam pela Causa caídos, sem julgamento, num lago de sangue. Dir-me-hão que os legionarios vermelhos pleiteiam por outras crenças mas como, neste caso, só discuto o castigo e não as ideas dos castigados, sempre desejava saber, se tratando-se de realistas, o senhor conde acolheria, de bom grado, a sua morte.

Já sinto o horror ante a comparação que perturba a mente da tua personalidade. Para ele os legionarios foram bem mortos porque nem os considera politicos. Veja-se, como lhes dou os argumentos. É certo que tambem lhos escavaco. Mas não sabe, o conde X, que o precedente é tudo e hoje condenando, sem julgamento, os da *Legião Vermelha* com o nosso aplauso, amanhã, do mesmo modo, para conosco usarão? No Monsanto — o conde talvez o ignore — alguns sindicalistas trouxeram monarchicos para fóra do campo, depois da vitoria, salvando-os dos insultos e das balas dos adventicios contidos em respeito tambem por alguns officiais da marinha.

O conde de X, anda, talvez, arredio da historia do seu partido e como não tenciona — neste caso — conspirar, acha bem que se luzile sem haver um tribunal julgador.

E para que o deseja? Para tranquilamente, em boa paz, gosar de seu titulo e de seus bens.

Os outros — todos nós — os corpos de cadeia e de tortura, os humildes plebeus ou destitulados que, de pena na mão ou de arma apentada, ha treze anos se batem não lhe merecem sequer uma controversia. O seu processo, é, como o dos outros, sumario. Não concordam com a sua criteriosa opinião?

Não discute. Deixa de contribuir para a gazeta contrariante com três tostões diarios e lança o seu protesto porque sente ofendidas as doutrinas conservadoras quando um jornalista apela para a legalidade diante de individuos presos aos quais se applica o castigo sem intervenção de juizes. E sabem porque o conde de X tem aquela arreigada convicção?

É porque não tenciona conspirar, não espera a monarchia a sair de uma convulsão. Aguarda-a no seu leito com as torradas matinaes, na sua Alta Banca com os dividendos ou se não faz parte dela, espera-a caída do ceu no torvelinho dos bracinhos roseos de anjos e pela vontade de

Santa Leocádia ou de Santo Ambrosio aos quais, naturalmente, promete os três tostões negados — em nome de suas ideias — ao *Correio da Noite*.

O que não se deseja para nós não se deve querer para os outros. E se, como o jornal monarchico afirma, se cometeu uma illegalidade é preciso puni-la para que outra não nos alcance. Os nossos jornais tem o dever de a condenar; os nossos deputados devem provocar explicações no Parlamento e os nossos correligionarios combativos devem pôr-se de sobreaviso não lhes suceda o mesmo que aos legionarios — pois o precedente é terrivel — isto ante o silencio de quasi todos e o aplauso do conde de X.

Estes conservadores que desejam vêr destroçados os inimigos por todos os meios, mesmo os mais ilegais e violentos, fazem-me lembrar, duma maneira flagrante, os democraticos que durante tantos anos tem governado a republica: em nome dela matam os seus adversarios e, no fim, encharcando-se de sangue, sugam com ele o ideal que julgam defender.

É, por isto que detesto tanto aqueles conservadores, à conde de X, como os democraticos à maneira do *Ai ó linda*.

## Reparos ao folheto "A Moagem"

Umás vezes divergências — Razões que são básicas — Os "correligionarios," "moraes," e o regimen — Qual será o fim dos exploradores — A hora do pacto

Acabo de receber um folheto que se intitula, singelamente, *A Moagem*, como se esta palavra exprimisse tudo, para a consciencia publica.

Diz-se hoje: *A Moagem*, como outrora se dizia: *A Camorra*. São autores de tais paginas deductivas, audazes e condenatorias os srs. Ferro Alves e A. Salreu, o primeiro dos quais presumo ser jornalista, pois no *Rebate* inseriu os seus artigos contra aquella agremiação.

Contem tal folheto verdadeas, revelações espantosas. O meu exemplar contem a mais penhorante das dedicatorias, à qual devo, todavia, fazer um reparo. O seu autor confessa-se meu «adversario politico mas correligionario moral».

Eu julgo que, neste momento de tão difficil vida, da qual é culpada a *Moagem* e quem lhe deu azas para tão largos vôos, só se deve fazer uma politica: a de cerrar fileiras contra uma e contra os outros.

Na *Moagem* — e só agora, pela obra do do sr. Ferro, sei os nomes dos seus dirigentes — não superintende um unico monarchico filiado; em compensação, avultam ali os republicanos categorisados, desde o sr. Pina Lopes, que já foi ministro das Finanças, e tão bastonado é no livro, até ao sr. Ferreira da Silva, que já foi ministro do Interior, e é irmão do sr. Antonio da Fonseca, plenipotenciario em Paris.

Não quero, porém, apossar-me desta vantagem para condenar a *Moagem* como feudo da gente do regimen, o que não posso, porém, e deixar de acentuar ser este o culpado de sua medrança.

O qua é um regimen? É o expoente dos defeitos e virtudes dos seus dirigentes. Pois bem, qual é esse expoente? O seguinte:

«*Atravessamos, insofismavelmente, uma quadra de tremenda jalen-  
cia moral, da qual foi banida a honestidade.*

*Surgem, prolixamente, políticos improvisados e altamente anormais, devorados pela sêde inesgotável de enriquecer, a promulgar decretos, tendo só em vista favorecer determinadas industrias, Vive-se num país assim, em que a confiança nos homens publicos foi completamente posta de parte e substituida pelo criterio simplista de que todos andam ao mesmo!...»*

Quem diz isto? O sr. Ferro Alves, que é republicano, meu adversario politico, embora, como afirma, meu «correligionario moral».

Estamos diante dum crime do regimen, quer queiramos quer não.

Os plutocratas são produtos das democracias e daí o sentirmos que o unico regimen, dêste genero, possivel sem o avanço dos grandes capitaes do cofre forte, é o que arvorar a bandeira do direito à vida, para todos, o que tentar a resolução dos problemas economicos. Nas monarquias não se dão, sistematicamente, os dominios dos argentarios em tão larga escala como nas republicas, nas quais eles a tudo podem aspirar, mercê dos dirigentes saírem do nada para o mando. Depois, habituando-se aos gosos, só pretendem servir os capitais que os pagarem.

Daí a «sêde inesgotavel de enriquecer a promulgar decretos», os quais só são possiveis numa oligarquia financeira, protectora dos seus bandos, dos seus filiados, dos seus cumplices. Só ajudam a elevar-se os capazes de os servirem, e, como o dinheiro é a agulha da bussola nesta rota para o abismo, os que se vendem tornam-se seus dirigentes. Às vezes, porém, o acaso duma politica, mais ou menos cultivada, atira ainda com individuos de baixa moral para os governos e, então, desportos os appetites, entregam-se aos pagantes.

Entre todos os ministros da monarquia—e alguns houve de apagado valor—nenhum—absolutamente nenhum—possuia as más qualidades, assacadas, pelo autor do folheto, ao sr. Pina Lopes; e nenhum—absolutamente nenhum—foi capaz de se deixar arregimentar nas hostes devoristas, como um caixeiro, à semelhança daquele democratico e doutros que teem gerido pastas nos gabinetes republicanos.

Eu bem sei—devo dizê-lo, pois gosto de esgotar os assuntos—que vieram da monarquia certos dêsses cavalheiros.

Transitaram o sr. Pina Lopes, o sr. Fontoura da Costa, o sr. Lima Bastos e outros dos actuais servos, bem pagos, da plutocracia dominante.

Mas o que eram, politicamente, no velho regimen, os Pina Lopes, Fontoura e Bastos? Um, simples tenente da Administração Militar e eleito—em fins de setembro de 1910, a poucos dias do triunfo da Rotunda—para tesoureiro duma centro franquista; outro não passava de reitor do liceu, onde ainda se guardava certo livro raro que, mais tarde, se disse ter desaparecido; o terceiro chegára, apenas, a secretario dum ministro.

Nenhum pimponeára influencias, nenhum se guindára ao poder, nenhum enriquecera.

Agora que — na frase pitoresca do autor da *Moagem* — *todos andam ao mesmo* — os que são sinceros republicanos deviam expulsá-los dos partidos. Todavia, Lopes, Fontoura, Bastos e tantos outros continuam mandando, porque parece haver um desejo de se provar serem os dirigentes dêste país os cidadãos menos honrados e menos inteligentes.

Posto isto, e diante das gravíssimas acusações provadas no folheto do sr. Ferro Alves, encontramos-nos em face dum dilema, onde nos enredou o articulista republicano. — Ou mandar prender os moageiros e os políticos culpados da importancia que eles assumiram, ou, se não derem em breve entrada nos carcerees, chegar-se à certeza da corrupção dos governantes e, por consequência, das impotencias do regimen para vingar as delapidações, os crimes, os latrocinios de que são autores os plutocratas aliados com as figuras de relevo da republica. O que resta fazer para a *Moagem* e outros devoristas receberem a punição? Logicamente demolir a republica. Isso, porém, é assunto de largo tomo, porque eu chegaria a concluir que, se ela ainda existe, o deve a certos monarchicos de grandes negocios, que se enrolam na bandeira azul e branca, associados aos de envolucro encarnado e verde. Nos dois campos ha, porém, uma massa levedando, clamando, sofrendo e tendo um ideal; essa massa é composta por intellectuais e povo e ha de compreender-se um dia.

Isto, porém, é politica e eu devo dizer o que espero dos correligionarios do autor do folheto. Aguardo o castigo dos prevaricadores para não serem considerados seus iguais em culpas e não receberem o fatalissimo castigo que não se evitará com prisões em massa nem com regimentos na rua, na hora em que os explorados fizerem o seu pacto.

Nessa hora não haverá realistas nem republicanos, mas os «correligionarios morais», de que fala o sr. Ferro Alves, partilhando, entre si, — para o ataque, — espingardas e cartuxos.

## Quebra de azas

As alegrias de um cerco. — Do sublime ao trivial. — Os aviadores e os aviados — A eloquência ou a massada? As flôres da aviação

A prisão dos aviadores foi deceptante. Na semana em que Lisboa celebrava a glorificação do épico poeta, constatava-se que não existia a fibra das velharias românticas na gente que fizera estremecer o país por seu gesto vivo. Finalmente, apenas se esboçara o capítulo, com desafios, gestos largos, evocações bravas e acabara-se de uma forma bem diferente da que o enredo indicava. Aguardava-se, quando mais não fosse, o forte Chabrol — meia dúzia de paisanos contra uma divisão —; já não pedíamos uma scena á Dumas, com mosqueteiros, á sombra de um farpapo, batendo-se contra exercitos, mas tudo acabou como se não tivesse passado nada. Não houve feridos; apenas se rasgaram algumas epidermes nos arames farpados e muitas almas na desilusão.

Não é que o facto do conflicto dos aviadores com o ministro da guerra tivesse importancia de maior; eles, porém, de um lado e outro, tal vulto lhe deram, tanta comparsaria meteram em scena, que havia direito a esperar mais. Falhou o final do acto dos rebeldes nesse sabado, como no domingo falhou o toureiro Canero, que não se exhibiu e como falharam as festas a Camões, numa pobresa de arraial arrabaldino com reminescencias de velho cirio da Senhora do Cabo.

O que os aviadores militares praticaram não podia sair da classificação de indisciplina. Como tal, o ministro da guerra o viu e o desejou punir, cumprindo os regulamentos. Teria feito um acto singelo se meditasse antes de proceder, de pôr em acção uma mæquina complicada. Se ela tivesse sido movida sem resultado, a Americo Olavo só competiria uma cousa: demitir-se de official de um exercito, onde uma divisão mobilizada não investia contra dúzia e meia de officiais. Das duas uma, ou a tropa estava simpatisando com a attitude dos rebeldes, ou sentia em suas fileiras passar uma sombra negra e piedosa.

Em qualquer dos casos não mereceria a pena dirigir um exercito que desobedecia em nome das suas simpatias ou dos seus sentimentos humanitarios. Não succedeu assim. O ministro da guerra triunfou com aparato, gastou dinheiro á nação e levantou um halo de terror, onde não havia mais do que a poeira de uma cavalgada.

Desde que os simpaticos aviadores — e chamo-lhes assim, porque o são — decidiam não acatar suas ordens, ele, do fundo do seu gabinete,



sem mexer um soldado, sem fazer vibrar as notas dum clarim, demittia-os. Desta hora em diante, o exercito não devia mais obediencia a esses officiaes, que fatalmente teriam que abandonar as suas unidades. Não fez assim; mandou apertar um cerco, desenvolver uma acção, as terras da Amadora viram regimentos em pé de guerra e os jornais, nuns tons românticos, que, na realidade, a paisagem pedia, já tratavam como auro-ras de sangue o rubro das papoulas entre os trigais. Adejavam, mais do que os aviões, os presagios. E nós todos, os que conheciamos os sitiados, sabiamos de seus serviços, bravura e coragem, tremiamos por suas vidas. Sabiamos-os com viveres para a resistencia, bom humor e algumas pistolas de combate, para o acto final, se ele pedisse tal emprego. Que demonio! Não faltava tudo! Não pensamos, sequer, que a artilharia ralhasse, que da casa do comando da Amadora se lizesse um alvo. Um só tiro disparado, mesmo que matasse apenas algum mocho, em seu soute empoleirado, teria dado aos aviadores a vitoria. Daí não ser necessaria tão vistosa mobilisação. O que o publico aguardava, como num espectáculo, e porque lho anunciaram, era a resistencia aos officiaes que fossem prender os rebeldes.

Quando começou a correr que se estabelecera uma confraternisação entre os agaloados dos dois campos, nasceu uma impressão nova nos da expectativa. Imaginou-se que se alargaria essa formula amiga, até aos soldados e se marcharia, em som de guerra, a demittir o governo.

Mas o exercito não se pronunciava assim. A sua indecisão enervava; a sua paralisação cançava e tinha-se a impressão que um largo bocejo se abria desde a Amadora até à fronteira e que Portugal inteiro, de bocarra aberta, ia responder a quem lhe perguntasse se desejava os viveres, de tanta necessidade e ha tanto tempo: «Não... Quero apenas bocejar...» E, plebêamente, num uso chocarreiro e definidor, Portugal concluiria: «Estou chateado!»

Ora, diante do sucedido com os aviadores, com essa aterrissagem desde os páramos da fantasia, do romântico até ao banal, temos que chegar tambem à conclusão de que eles se entregaram por massados.

Só assim se explica tão pronta solução após tão demorada resistencia.

Houve um general, o sr. Roberto Baptista, que se demittiu de chefe da divisão quando sentiu as indecisões, as replicas, a recusa dos aviadores em obedecerem às fórmulas de entrega que lhes apresentavam. Tudo se tentou, desde a ida do general Pedroso de Lima ao acampamento até à de Gago Coutinho. Tudo se ensaiou, como se marca nitidamente, desde o comico ao sublime, desde a intervenção do actual director do ministerio da Guerra—já uma vez preso por seus officiaes e outra metido na ordem por um capitão, por Martins Lima—até à da gloria da aviação poriuguesa, à dêsse navegador dos espaços que, com um volume dos Lusiadas no seu aeroplano, se tornou digno do acrescimo de mais uma estrofe ao poema da bravura, da grandeza, da vida de belezas e de dôres dum povo.

Mandou-se tudo isto aos aviadores, o picaresco e o maravilhoso, e apenas se ouvia um não, saído de suas bôcas, unisono e bravo.

De repente tudo mudou. Um outro general, cheio de prestigio e de bigode, avançou até à aviação e, sem armas, na attitude pacifica de quem faz uma visita à esquadriha Republica com um sequito de ajudantes—uns quarenta—entrou de falar aos rebeldes e a sua voz, a um tempo pater-

nal e repreensiva, ecoou mais nos animos do que todo aquele rumor de tropas e que todas as exortações dos anteriores intermediarios. Foi um pasmo e uma desilusão, repito, e uma convicção entrou, decerto, a esta hora, em alguns espiritos: a de que a juntar às altas qualidades militares do sr. Bernardo Faria, uma outra surge: a de diplomata.

Anda-se uma vintena de anos a celebrar num official as suas sapiencias guerreiras e, de repente, num minuto da sua vida, ele revela-se um artista da persuasão. E não se celebra isto e não se alteiam estes predicados numa semana em que se festeja a grandeza da raça com um entusiasmo ao qual a raça parece estranha?!

Eu, porém, que tanto vibrei com aqueles rapazes, imaginando assistir ao acordar da sensibilidade nacional, da audacia e do romantismo, e que sei muito bem ser o *panache* a melhor qualidade dum povo ou dum homem, não quero, não desejo desfibrar o meu sentimento, acreditando na eloquência do sr. general Faria.

Equivaleria à de Santo Antonio, que hontem se festejou, prègando aos peixes e convencendo-os a deixarem-se frigrir.

Não. O que dominou nas almas dos aviadores foi o sentimento do país: a sensação de massados. E entregaram-se.

De tudo isto resta um fremento de desordem e um bocejo longo, estensissimo, prolongado num espreguiçamento. Os aviadores passaram de asas quebradas para as fortalezas. Não resta, porém, só aquilo; ha mais, e ainda bem, para que um nadinha de sonho se salve no pro-saismo dêste conflito: um sargento aviador, maneta e heroico, passando com o seu avião por sobre as cabeças dos militares do cêrco, em acobracias, que os faziam delirar, não para deixar cair uma truta, do alto, como a aguia doou aos sitiados do velho castelo transmontano, mas para lhes deixar, um ramo de flores de Cintra, frescas, orvalhadas, numa oferta que vale bem a entrega dum coração de soldado.

Resta isto, com um official, quasi comido pelas pulgas num moinho, e os simpaticos aviadores ficarem... aviados.

# O picaresco do "Sem Rei nem Roque"

O exlto do "Saude e Fraternidade," — Mais um livro de critica picaresca — As caricaturas e as personagens — A Causa e os republicanos — Farinha e cal

O melhor elogio do livro de Campos Monteiro *Saude e Fraternidade* está nas sequencias que outros auctores lhe quizeram dar. Assim como as parodias consagram as peças do mesmo modo o aparecimento de outros trabalhos num contracanto áquele livro comico laivado de tragico o elevam e o impõem.

Debalde se procurou na imprensa apagar essa voz que se erguia num ar alegre a presagiar desditas. Como um fóco electrico rompe uma bruma a obra chegou ao publico num successo sem igual, em toda a produção literaria portuguesa.

Um escritor republicano deliberou responder ao monarchico illustre, e, em cento e meio de paginas, com mais ou menos graça e contundencia traçou o seu enredo chamando ao trabalho *Deus Guarde V. Ex<sup>a</sup>*. Lá appareço tambem eu como director da Casa da Moeda—que ironia para um pobretana!—a esmaltar as notas do banco com as effigies das personagens dos meus romances, e batendo o pé aos trapalhões.

Um jornalista monarchico, Armando Boaventura, que nas colunas da *Época* conseguiu firmar o seu nome de alto *reporter*, apesar de ser baixo de figura, e de caricaturista fino, apesar de rotundo do seu corpo, publicou, agora, editado, por um belo empreendedor, Ventura Abrantes, um livro para completar a *Saude e Fraternidade*.

Chama-se *Sem rei nem Roque* e um brado de bom humor se alteia das suas paginas com um fulgor por vezes bem intenso, de critica a varias personagens.

Tem o sabor duma esplendida salada de frutas, com seus tons e perfumes, na qual, caíssem algumas taliscas de malagueta.

O autor desse trabalho é um realista, mas não hesitou nas suas fantasias, em piparotear algumas das individualidades da Causa. Aquilo que no livro de Campos Monteiro tinha uma deformação natural, no de Armando Boaventura tem uma audacia de demolidor a perder, por vezes, a noção do comico para atanchar corpos que se julgam humanos e são de manequins, dos quais não jorra sangue mas espreitam a crina e a palha.

Imagina-se a monarchia proclamada e desde logo apparecem os adhesivos, os peores, empalmando o regimen e já não é um decorrer de factos,

mais ou menos possíveis, o que se lê, mas um tremebundo jorro de ridículo que espirra sobre varias personalidades.

Norton de Matos, Vitelius colonial, prepassa para dominar com seu ventre pleorico a sua audacia incrível, suas rêdes permanentes de be-nesses, e manda; Couceiro apaga-se, dilue-se salvando-se de toda a sua ação o grande soldado que ele é; os grotescos, as características, as ações, as altitudes conhecidas de cada um dos paladinos, dos chefes, dos simples soldados—como eu—, do que se convenciona chamar *A Causa*, ali se amolgam, se contorcem, se atiram ás nuvens ou aos abismos e bem assim a dos republicanos que, cardumando, se aproximariam do regimen restabelecido. Existem paginas nessa obra, de exacerbada fantasia, que teem marcas naturais. Essa da tomada da monarchia por um bando jacobino faz-me lembrar certa frase de Alvaro Pinheiro Chagas a quem eu perguntava uma vez para o ouvir:

—O' Chagas se a monarchia se proclamasse, o que nos diriam quando chegassemos ao Terreiro do Paço . . . ?

—A mais simples e natural das cousas . . . Primeiro, custar-nos-ia muito a atravessar por entre os bandos de correligionarios desconhecidos . . . Depois, um republicano, presidindo ao conselho, na sala do ministerio do reino, dir-nos-hia:

—Olá! Vocês tambem são de cá . . . ?

E' caso semelhante que Boaventura explorou embora, em alargamentos mais picarescos. Deixou alçar-se a fantasia ao maximo e querendo modelar, segundo a sua observação, os homens, caricaturando-os como é seu mister preferido, maltratou alguns e enalteceu em demasia outros.

Isto, porem, não desmancha nestas paginas hilariantes o seu efeito nem a ação que pretendem produzir porque, embora, todos se vão rir diante das cabriolas, a que o autor nos obriga alguns sorrisos hão de ter o contorcido de quem sente dôres de barriga diante de senhoras.

Aquilo é a caricatura duma vitória na serie torva das revoluções. E' o *Sem Rei nem Roque*, da frase popularesca, aplicado a uma restauração para a qual quasi ninguem dá um passo e todos esperam vêr servida num banquete para o qual só sejam convidados os seus amigos.

Naturalmente um silencio fundo como o que, à excepção de em três ou quatro jornais se fez em volta do livro de Campos Monteiro, descerá sobre o que pretende continuar a *Saude e Fraternidade*. E' crível, mesmo, que mais ainda se adense a calada. Por minha culpa não succederá semelhante deslealdade e desde já daqui digo meu sentir para mo não perguntarem novamente: o autor, se não tivesse demonstrado outras qualidades marcava a da audacia, para mim sempre apreciavel.

Se o livro de Campos Monteiro nos dá, guisalhado de palhaços, movidos por habilissima mão, um impressionavel quadro, se, sua move-dura de jograis, nos obriga a meditar, o de Boaventura não nos leva senão a pensar, que sob o traço grosso ou sob a fantasia larga, ele não deixa de ter razão ao rasgar algumas profundas feridas.

Lá me caricaturou, como o illustre escritor portuense e como o re-publicano; e devo dizer-lhe que, se em tudo aquilo não houvesse muito do seu impossivel pesadelo, gostaria de o vêr, na realidade, só, para, alegremente, poder distribuir ao povo, aos trabalhadores, e á classe média, tão desfavorecida e esmagada, as sacas de farinha dos moageiros como ele despejou sacas de cal sobre algumas das figuras tratadas, no seu livro ao arremeça-las para a vala comum.

# Aprensões sobre as aprensões de jornais

A solidariedade dos jornalistas — O caso da  
"Batalha," e dos "Correios," — O censor do "Jor-  
nal da Noite" — O alter-ego do sr. Sá Cardoso —  
A Salomé do interior

Sempre que um jornal — seja de que partido ou opinião fôr — sofrer as inclemencias da apreensão o dever da imprensa digna é o de protestar não escondidamente, ao canto duma pagina ou no meio dos anuncios, mas no estridulo e ruidoso clamor de seus melhores normandos e no logar mais visivel. Eu sei que os jornalistas não fazem a menor idea da solidariedade nem da defeza de seus interesses e desde que os jornais se tornaram em feudos de empresas poderosas sei tambem ter começado uma autentica guerra de peles vermelhas, à antiga, na qual cousa alguma se respeita e apenas se deseja vêr o inimigo caído por qualquer processo.

Ultimamente foi apreendida, varias vezes, a *Batalha* e se é certo que nunca imaginei um movimento colossal da imprensa em sua defesa, ao menos julguei ser possivel um protesto formal, diario e sentido e tambem pensei que essas associações de Imprensa, que para aí vivem ou se arrastam, ao menos teriam esboçado alguns passos no sentido de pedirem para os seus associados ao menos as garantias da lei a que devem obediencia e não aceitariam a arbitrariedade.

Não succedeu assim e, se legitimamente, o jornal operario tivesse recorrido para outra solidariedade — a dos tipografos dos outros periodicos — não se fartariam de clamar aqueles que lhe negavam o seu auxilio achando injusto o seu procedimento.

Claro que eu não desejo simpatias afixadas pelos conservadores a favor do órgão proletario mas espero, no proprio interesse da imprensa de todas as côres, a defesa do ataque feito a qualquer jornal.

A' falta dum protesto energico, colétivo e sério contra a apreensão da *Batalha* levou o ministro do interior à apreensão do *Correio da Noite* e como ante esta violencia, inflingida ao jornal monarchico, os representantes da Causa no parlamento, se calaram, a audacia redobrou por parte do senhor Sá Cardozo, e daí a dias havia ordem para não deixar circular o *Correio da Manhã*.

A mudez dos deputados e dos senadores do partido realista foi notada e eu não posso deixar de a censurar aqui porque sem a imprensa do seu partido não teriam a extensão de maior as suas vozes.

Apertados em S. Bento, com os discursos mutilados nos órgãos da grande informação, os parlamentares monárquicos não passarão de eloquências soterradas numa cripta. A sua imprensa é o gramofone que transmite aos correligionarios e ao país suas palavras douradas, sobrias e elegantes que desta vez, pareceram engulidas nam proposito.

Ora pelos geitos que o ataque aos jornais vai tomando pouco tardará que se chegue ao estado de violencia de que foi vitima o meu *Jornal da Noite* antes da revolução do 5 de dezembro. Vi-me obrigado a esbofetear um censor, ali, em pleno Chiado, pelo mister infecto que exercia contra mim.

O ministro do interior declarou, ha dias, no parlamento, ter um individuo a seu lado que faz a censura dos jornais e eu ainda não ouvi a imprensa — que outrora era uma força — perguntar o nome desse amavel cavalheiro ao exigir do ministro as responsabilidades do seu ataque.

Suponha-se que, amanhã, me lembro de narrar um acto do titular da pasta praticado como director de certa Companhia onde era director e que o censor corta o artigo e impede o jornal de circular.

No que consentiria, neste caso, o ministro? Num roubo em seu proveito. O silencio da imprensa, significativo e animador, habilita-lo-á a ir até ao infinito da perseguição sempre entre os elogios a sua pessoa feito pelos colegas das vitimas de suas iras.

Um dia, porem, chegará em que se lhes applicará a mesma pena e, ou será muito tarde para reagir, ou será necessario usar dos meios fortes para salvar das garras dum governo uma imprensa fraca.

Antes de que isso se dê, cumpre não esquecer os males dos jornais, embora avançados, na hora em que o nosso silencio, é a pedra onde os governantes amolam seus alfanges para a degolação dos que julgam mudos, incapazes dum brado a uma apostrofe, dum berro ou dum protesto.

# O Comunista e seus farrapos

O fato e as idéas — O traje de Robespierre e dos seus contemporâneos — Rêclamo contra-producente — O significado moral da porcaria — Limpinhos, embora pobresinhos

Na primeira sessão da Camara Francesa o deputado comunista Marty — antigo oficial de marinha — apresentou-se coberto de farrapos. Na cabeça trazia uma boina sebenta, a camisa suja, entreaberta e sem colarinho, deixava vêr a camisola esburacada; umas calças e um casaco rotos e umas botas cambadas completavam o traje do representante do povo.

Se o camarada Marty quiz afixar, com semelhantes andrajos, as suas opiniões, o Comunismo deve aparecer como uma cousa repelente às pessoas que gostam de se lavar e de vestir umas roupinhas limpas, embora modestas. As idéas expressas no fato ou nos atavios já não se podem tomar a serio e os que assim as exprimem lembram cartazes ambulantes. Esta indumentaria do deputado francês, se não é uma excentricidade, pelo menos é um sofisma, uma maneira de agradar aos seus eleitores populares que o honraram com a sua representação politica e exigem dele não, certamente, o culto do remendo mas o da audacia em nome da Idéa.

No tempo da revolução francesa os patriotas, receosos de que os tomassem por «aristos», envergavam as *carmagnolas* e cobriam-se com os bonets frigios. Robespierre, como se presasse muito a sua sinceridade e a sua limpeza jámais deixou de usar a cabeleira empoada, a camisa de bofes de rendas, o calção, como no velho regimen, e os sapatos de fivela. Era o jacobino-padrão, parecendo pelo fato um burguez pacifico. O seu pensamento, se fosse exteriorizado no traje, deveria ser vermelho traçado por simbolos da Lei. Todo aquele rêclamo do periodo do Terror viria a desembrulhar-se no peralvilhismo do Directorio e na marcialidade do Imperio. Fulgurou o oiro, olvidaram-se os signos revolucionarios, apesar do regimen ser a revolução em marcha. Vencera, fardára-se. Os bolchevistas russos assim fizeram, trocando as blusas por uniformes, como Trotsky cambiou o seu jaquetão de burguez pelo dolman alamarado e o gorro de peles pelo capacete à germana.

É certo que um socialista francês, Thivrier, entrou no Parlamento envergando uma blusa, não porque se sentísse bem dentro dela mas porque desejava mostrar sua modestia ao proletariado.

Depois, até os milionários, como Blum, se disseram socialistas, dispensando o antigo atributo operário. Compreende-se que um homem, em seu trabalho, para poupar o fato, hoje tão caro, envergue um casaco ou uma blusa, mesmo um desses trajes inteiros, designados por «macacos», apesar de lhes faltar o simiesco apêndice, e que é do uso de mecânicos; não se entende, porém, que numa reunião, na qual as nodos se podem alastrar, mais sobre actos praticados do que nos trajes, se apareça vestido, como se em vez de se ir fazer leis se fosse revolver barris de lixo.

Os eleitores do camarada Marty, deviam mandar-lhe, por subscrição, um desses completos da *Belle Jardinière*, ou da *Grande Maison*, da rua Auber, que lá se vendem a 171 francos, e cujo custo representaria menos de um décimo de centimo por cada um dos cidadãos, isto para que o seu deputado, o antigo oficial de marinha, não tivesse de andar transformado em desagradável personagem, menos por suas ideias do que por seu disfarce de príncipe Rodolfo, dos *Misterios de Paris*, quando das suas travessias nos bairros do crime, em busca da *Flôr de Maria*. E' possível, também, que o comunista queira significar que a Camara é um lugar suspeito, e que ali procura obter, para a purificar, a posse do seu ideal: a sua *Flôr de Maria*. Mas Eugenio Sue deve andar muito distante deste eleito do povo, de mãos brancas e geitos de gosador mascarado em farrapos como se o habito fizesse o monge.

Cá em Portugal, quando da Constituinte, os deputados apareceram muito mal vestidos, por impossibilidade imediata de lavagens e de andainas novas. Exprimiam, realmente, as suas posses. Eram a expressão de um sentimento e de um estado. Depois tornaram-se tão irreconhecíveis, que, lá para o fim da legislatura, se tinha a impressão de pertencerem a nova Camara. Os semi andrajosos pareciam banqueiros. O ideal fôra-se com os velhos trajes. Os estomagos falaram, abaixando a voz dos corações. Com o comunista francez sucede o contrario, e por isso se em vez de farrapos vestisse o fatito modesto, mas limpo, atrairia mais gente para o seu crêdo, do que na farraparia enodoada, a qual afastará os amigos da «limpesa» que não deve exercer-se só sobre burguesia—conforme os ditames do partido—mas também no corpo e na roupa, conforme os mais superiores ditames da humanidade, que a emporcalhar se, propositadamente se confundirá com os suinos e que me conste, não é este o caminho mais proprio para a vitoria de uma crença egualitaria.